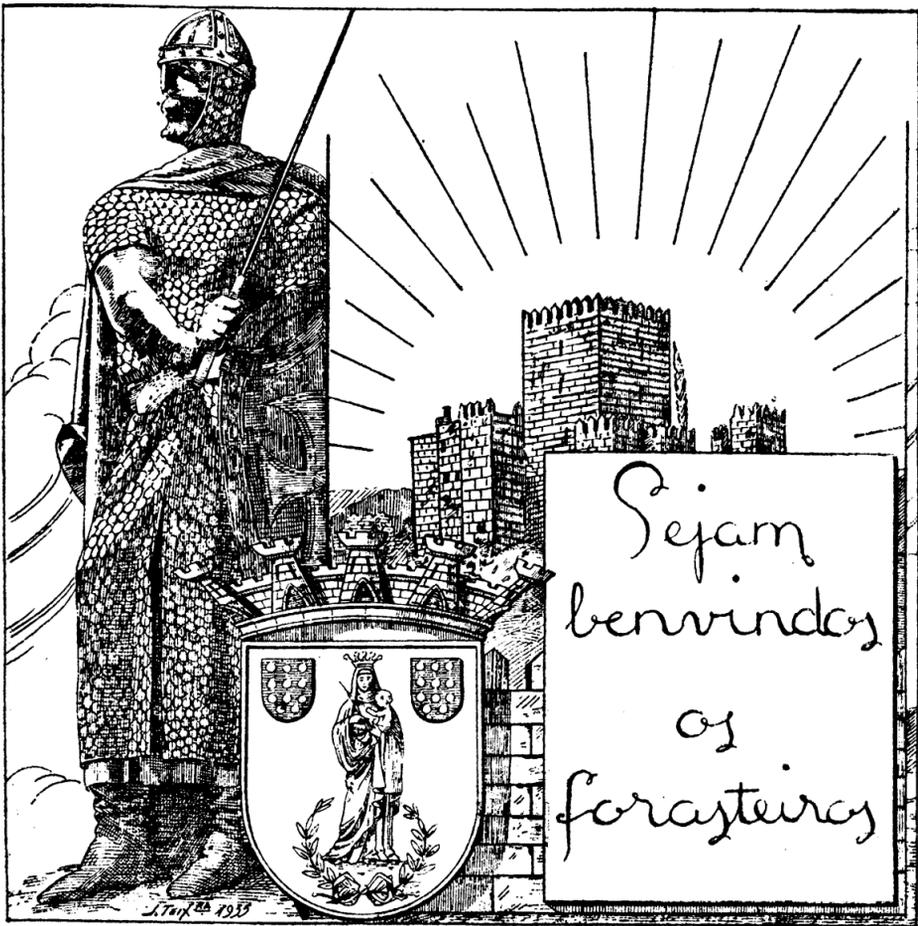


# Notícias de Guimarães

GUIMARÃES, 2 de Agosto de 1944  
Red. e Adm., R. da Rainha, 50-A.  
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa  
Visado pela Censura. AV

Director, editor e proprietario—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO



## As Festas da Cidade

Assim como Deus promulgou, de início, a sua vontade na consciência de cada homem, assim este procurou promulgar no íntimo do seu coração e da sua Alma a vontade de viver para se tornar útil à grei e à Pátria.

Embora com excepções, a História diz-nos que assim tem sucedido e, como ela se repete, mais uma vez nos encontramos na presença de um facto consumado — a realização brilhante e imponente das Festas Gualterianas ou Festas da Cidade. Perante esse facto, que é motivo de satisfação e de prestigio para os Vimaraneses, sobretudo para os que colocam acima de tudo o nome querido e amado da sua Terra, impõe-se o dever de os mesmos testemunharem todo o seu reconhecimento aos promotores das Festas, pelos seus trabalhos e sacrificios em prol da prosperidade deste formoso torrão de Portugal, onde baloiçou o berço da Nacionalidade! Por minha parte — e não obstante só ser Vimaranesense pelo coração — cá estou a cumprir esse dever e, portanto, a afastar de mim a sombra negra e traiçoeira da ingratidão. As minhas efusivas saudações, pois, aos Homens de boa vontade e de fervoroso bairrismo, no presente caso os que conseguiram colocar no nível mais florescente do passado as já tradicionais Festas da Cidade.

M. N.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª, minha senhora, as melhores marcas de meias de seda natural, assim como a meia de vidro NYLON.

## CARTA DE D. JOÃO V criando a Feira Franca de Agosto (1452)

Dom affonso & A quãntos esta carta virem fazemos saber que nos queremos fazer graça e merce e a conção e homens boons da nossa sempre leal villa de guimarães E avendo por nosso serviço e bem na nossa terra. Teemos por bem e damos-lhes poder e lugar que elles ordenem e mandem fazer daqui em diante em cada huum anno em a dita villa huuma feyra franqueada a qual sse começara aos sete dias dagosto e durara ataa XVII dias seguintes do dito mez & E queremos e mandamos que todos aquellos que aa dita feyra vierem comprar ou venderem quaaesquer cousas que seiam por qualquer guisa que nom paguem mais que a meitade da ssaia — a ber — ho comprador seis dinheiros e o vendedor outros seis dinheiros que he huum soldo por liura dambas as partes. E isto assy aos que de fora vierem como aos moradores do lugar e seu termo saluo se for de vinhos que se vendam atauerados e carne de talho de que se hade pagar ssaia em cheo e herdades e beens de rraiz que mandamos que destas tres cousas sse pague ssaia em cheo & Outro ssy mandamos que todos aquellos que aa dita feyra vierem que lhes nom seiam tomadas suas bestas de sella nem dalbarda pera nehuumas carregas assy nossas como de meus irmaões nem doutros quaaes senhores nem seiam constrangidos pera nehuuma servidoẽ emquanto durar e sse pera suas casas tornarem & Outrossy mandamos que nenhuum daquelles que aa dita feyra vierem nom seiam presos nem acusados nem demandados por nenhuuns malleficioes em que seiam culpados saluo sse esses malleficioes forem feictos no dito lugar ou termo ou feicto nouamente na dita feyra que por taes malleficioes como estes mandamos que seiam presos e sse liurem per sseu deroito & Outrossy mandamos que os que aa dita feyra vierem nom seiam citados nem demandados por nenhuumas diuidas que deum nem per herança nem per nenhuuma cousa que seiam theudos e obrigados saluo se forem diuidas que deum de cousas que hi comprarem ou venderem na dita feyra. & Outrossy mandamos que os que aa dita feyra vierem emquanto ella durar elles possam trazer suas armas emquanto na dita feyra andarem. & Outrossy posam na dita feyra andarem em quaaesquer bestas que lhes prouger nom embargando nossa defesa e hordenaçã que em contraio desto he feicta. & Outrossy mandamos e defendemos aos nossos corregedores e meyrinhos assy da nossa corte como de todos os nossos Regnos que nom vão aa dita feyra pera fazerem correçam nem a façam em ella. E sse a ella quiserem hir que vão comprar ou vender se lhes prouuer e nom por nenhuuma outra cousa & E em testemunho desto lhes mandamos dar esta nossa carta assignada per nos e aselada do nosso selo pendente dante em a nossa çidade deuora X bj dias dabrill Ruy dias a fez anno do anno do naçimento de nosso senhor Jhesu christo de mill liij.

## Tradições de Guimarães

### Os doces das Freiras de Santa Clara e os escrúpulos do Arcebispo de Braga

Por Eduardo de Almeida.

«As muito magníficas religiosas senhoras do Convento de Santa Clara, em Guimarães, fundado por volta de 1548 e cujo edificio foi grandiosamente restaurado sob o patrocínio do Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, querendo adotar o fastio das longas e demoradas horas de clausura monacal, dedicaram-se, desde data incerta mas remota, ao fabrico de finíssimo doce, em várias especialidades, que ganharam a mais subida e gulosa fama, perdurante e respeitável.

A história do Convento, magistralmente delineada pelo aturado investigador, o probo e muito ilustre Abade de Tagilde — Oliveira Guimarães, de saudosa memória querida, homem de fé e de grande carácter, simples como os de verdadeiro mérito, anda ligada, através de muitos anos, a pleitos célebres. E, deles, foi um por causa da saborosa doçaria. O facto vem narrado no estudo do nosso Tagilde: «Costumavam as freiras a 24 de Junho, dia de Santa Cristina, mandar buscar a prestação vencida pelo S. João, e por acto de primor, mimo e galantaria (como se exprimem na contradição) ofereciam ao mesmo tempo ao Abade *afim de lhe adogar a boca para não ser remisso no pagamento* (textual), uma caixa do doce do peso de 8 ou 9 arráteis. O doce, de que o receptor se fez acompanhar no ano de 1757, não era suficiente para satisfazer os desejos com que de ante-mão o Abade saboreava a apetecida gulodice e talvez, como era dia da Padroeira, houvesse convidado alguns colegas para em íntimo convívio gostarem o belo *Toucinho do Céu*, tão agradável à vista como grato ao paladar, que as religiosas fabricavam com toda a perfeição, com todas as regras da arte.

Uma falta tão importante, um desprezo tão formal não podia ser tolerado pelo reverendo Abade, que era todo zeloso na manutenção das regalias, usos, costumes, posses e direitos da sua Igreja, e por isso a 26 de Junho de 1758 apresenta perante o respectivo Juiz uma acção contra o Convento com o fim de ser mantida a posse em que, dizia, há mais de 50 anos estava a sua Igreja de receber naquele dia a pensão de uma caixa de doce de 8 a 9 arráteis e não uma tão diminuta como lhe fora enviada no ano antecedente.

As razões alegadas e as provas apresentadas não tiveram peso no ânimo do Juiz de Fora de Guimarães, o qual por sentença de 24 de Agosto de 1759 não reconheceu ao Abade o

direito ao questionado mimo e a Relação do Porto, aonde subiu a questão confirmou a 18 de Fevereiro de 1760 a decisão da primeira instância, tendo desde então o Abade de pagar os doces se queria regalar-se com eles no dia da Padroeira da sua Igreja. Quem tudo quer, tudo perde. *Más vale um toma que dos te daré*, como dizem nossos vizinhos espanhóis.

Desde 1564 que Santa Cristina de Arões concorria com duas partes dos frutos ou rendimentos para a dotação do Convento, encargo que fixava em 400000 réis anuais.

Era legítimo o desforço das Freiras, as galantíssimas Clarinhas, ao raciocinar o mimo ao Abade, naquele dia ofertado. Anos antes, em 1724, o Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, que visitara o Convento e tivera em mesa de recepção expostas as deliciosas maravilhas doçarias, ordenara que cada uma das religiosas não fizesse anualmente mais de 6 arrobas de qualquer doce. Por aqui se avalia a prosperidade da indústria conventual. Não houve outro remédio senão amargar o mandado, na resignada esperança de melhores dias. E eles vieram com a morte do Arcebispo: o Vigário capitular, em 1730, revogava aquela restrição.

... Mas elas não haviam esquecido o gravame.

Ao referir-se ao episódio, Oliveira Guimarães acrescenta:

«E' po ém crível que esta resolução do Vigário capitular fosse a seu turno revogada por algum dos Prelados imediatamente seguintes, como no-lo indica um despacho do Arcebispo D. Gaspar de 1 de Dezembro de 1771 concedendo, a requerimento das Freiras, a facultade de fazerem chouriços, não obstante levarem açucar».

Se as Freiras, ao apoucarem o mimo oferecido ao Abade de Santa Cristina, se deixaram tentar pelo muito perdoável gozinho de certo despique às ordens emanadas para restrito condicionamento — falando à moda actual — de seus labores tão femininos, quis aquele diabrete das coincidência (se não foi a mão astuta do reverendo em tremenda revindicta) que logo o pagassem caro. Naquelle mesmo Agosto de 1759 em que elas obtêm sentença favorável no pleito com o Abade de Arões, o Arcebispo D. Gaspar manda proceder a devassa no Convento pelo Dr. Domingos Martins da Cruz Marques, Juiz dos Casamentos e Desembargador da Relação Eclesiástica. Esta de

nomear um Juiz de Casamentos para devassa a um Convento cõcega ideias risoihas: mas, com certeza, o pobre do homem, naquelas entalãs, não lhe topou graça nenhuma. Pois uma devassa ao Convento de Santa Clara era caso muito e muito sério. Ainda se rememoram as de 1655 e 1663... Era uma clausura suave, com vida de galantaria. Amavam a música, em cujo exercicio algumas foram eximias. Ainda em 1736 entrara para o Convento, como secular, Maria Gabriela, de Arrifana de Sousa, perita em solfa, em tocar arpa e órgão, para lhes ensinar estas prendas. Viviam um pouco folgadamente. Um Breve de (Conclue na 2.ª página)

## Guimarães e as suas Feiras (Evocação histórica)

Por Filipe Coelho.

Também aqui, na cidade que veste as suas melhores galas e se adorna de atavios para bem receber o forasteiro, no devaneio que se entreahe em tépido sorriso, ressurge em lucilação de cristal a fo-mosura da sua história a reverberar a essência viva do seu despertar nas idades.

Ao nosso desejo — até onde poderemos ir! —, acrescentava-se o interesse de dispor em boa ordem a documentação relativa à vida económica deste velho burgo, e, invocando a memória humilde dos simples que souberam conquistar braço e pergamínhos à força de trabalhos e de exemplos de bons costumes, aproveitar a presente ocasião para bem desenharmos novos pormenores na memória obscura de todos quantos se deixaram cair no ensombramento da vida passada.

Impunha-se nos seguir o ardor da própria ambição e, procurando arrastar os estranhos para uma viagem feita às jornadas dos tempos idos, entrar anotar a breve resenha da história das feiras vimaranenses, sem despertar aquele enfado que as velharias costumam gerar ou provocar.

E assim...

Na paisagem da nossa vida económica dos primeiros tempos da nacionalidade, de que o burgo de Guimarães foi centro e fulcro — no dizer de Herculano —, é nobre estímulo os privilégios concedidos pelos reis da primeira dinastia e regista-se a honra das suas visitas feitas aos intervalos da agitação guerreira, considerada ao tempo como uma verdadeira cruzada do ocidente.

Com a subida ao poder do *Bolnhes* — a quem a população do burgo tanto hostilizava, sustentando o partido do rei-deposto —, o valor e a função económica de Guimarães subiam de ponto e sucedeu o que era de esperar: — em menos de duas cen-

túrias de anos tornar-se-ia um importante centro do tráfego comercial da Província de Entre Douro e Minho.

A publicação da carta régia de 1258, por «Afonso de gratia R x portugaliz et comes Balçã», manda fazer feira in *Castelló meo vimaranis* e determina que sejam feitas 4 vezes no ano, sendo uma realizada no meio do mês de Março, outra no meio do mês de Junho, outra no meio do mês de Dezembro e, também, uma outra com a duração de quatro dias, pelo que lhe aprazia dar segurança a todos que às mesmas feiras viessem pela razão de vender ou compra. E acrescentava: — «Et mando quod ipsam feiram faciant in meo Castello de vimaranis ab una porta castelli usque ad aliam et ut nul-us time-t venire ad ipsam feiram, ideo do istam meam cartam meo sigillo sigillatam quam teneant alcaldes de Castello vimaranense in testimonio».

A seguir, o saudoso e eminente historiador, ABADE DE TAGILDE no seu estudo intitulado *Feira de S. Gualter*, publicado no n.º 244 do semanário vimaranense o «Independente», regista a criação da feira franca anual, que duraria um mês, desde 1 a 30 de Abril, estabelecida por D. Afonso IV, o Bravo, a qual, segundo a melhor opinião do ilustre escritor vimaranense. Sr. Dr. Eduardo de Almeida, in *ROMAGEM DOS SÉCULOS*, teria sido promulgada em 1355, data em que este rei visitara Guimarães.

Com o advento ao poder de D. Fernando I, considerando «muj boas fanhas feitos assynados», da parte das gentes de Guimarães, as feiras do Castello foram extintas e substituídas por uma feira semanal, em 1369.

Porém, em 1372, El-rei mandou por «saluo gonsalves seu vassallo corregedor», e querendo fazer graça e merce aos moradores da vila do castello, (Conclue na 2.ª página)

## S. GUALTER (RELÍQUIA DISPUTADA)

Por A. L. de Carvalho.

O Santo Patriarca de Assis, a quem Afonso Lopes Vieira chamou «o mais Poeta dos homens, e o mais Artista dos santos», querendo ver derramada pelo Mundo a pura e resgatante doutrina de Jesus, lançou as bases da sua comunidade apostólica: — a Ordem Franciscana.

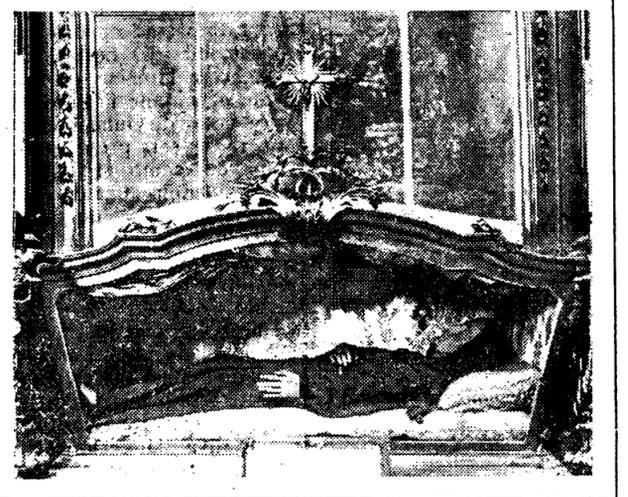
As partes de Portugal, para a terra de Guimarães, fez seguir dois dos seus companheiros — Gualter e Zacarias — pois que, então, nos primórdios do século XIII, pelo nosso burgo assentava a Corte, de passo que, à sua volta, proliferava a nobreza.

Aqui, pois, como historicamente bem observa Henrique de Gama Bar-

venturados. Tornando-se notável a sua acção santificante de bem-fazer, logo lhes foi proporcionado o ensejo de melhor recolhimento, mais próximo dos muros da Vila.

Foi em 1271 que este passo se verificou, ficando os missionários franciscanos instalados na casa que então servia de «albergaria-hospital», para serviço de assistência aos peregrinos e viajeros, — pois que, por nossas terras, se fazia então uma das vias de passagem para S. Tiago da Galiza.

S. Gualter — o fradinho franciscano que em 1224 dava entrada no burgo



Reliquia de S. Gualter

ros, era centro adquado para nele se lançarem as bases de um apostolado cristão, em que a Caridade, pela esmola, desempenhava o primordial papel.

O lugar onde primeiro se ergueu o re-uto dos dois bem amados companheiros de S. Francisco de Assis, foi ali em cima, no sitio que se ficou a chamar *Fonte Santa*.

Esse conventículo não era mais que uma humilde cabana, coberta de troncos e ramos, naquela simples primitiva que o Fundador, por seu exemplo, doutrina.

Dali, os dois fradinhos descalços, seguiam na sua missão de, pelo exemplo e pela palavra, velarem pelos des-

de Guimarães —, teve as primeiras homenagens da devoção popular no seu sepulcro da igreja de S. Frençisco, datado de 1290, e onde se abriu esta inscrição lapidária:

«GUALTERI TEGIT HOC VENERABILIS OSSA SEPULCHRUM»

Dizem os cronistas da Ordem Franciscana que este sepulcro «antigamente era um túmulo de abóboda de pedra dourado e pintado, sobre colunas de pedra».

Na imensa aura miraculosa que envolvia este sarcófago, viu-se que para junto de si acorriam multidões (Conclue na 2.ª página)



José Mendes Ribeiro Júnior  
Da Comissão Executiva das Festas



Fernando Lage Jordão  
Da Comissão Executiva das Festas



Rodrigo Fernandes Abreu  
Da Comissão Executiva das Festas



Francisco Ferreira de Oliveira  
Da Comissão Executiva das Festas



Francisco Ribeiro de Castro  
Da Comissão Executiva das Festas



António Alberto Pimenta Machado  
Da Comissão Executiva das Festas

# ALEGRIAS E TRISTEZAS! A NOSSA MARCHA

Noite de Verão. Cantam cigarras  
Ao desafio por esses campos!  
Minha alma sonha, entre faufarras  
No sodalicio  
Das verdes ceifas, dos pirilampos!  
Vamos ao Fogo, que é de artificio,  
Lindo, imprevisito!  
Vamos ao Fogo, que a Vida é isto!...

Silêncio! Agora linda girândola  
Cruzando o espaço, subiu no ar!  
Subiu, desfez-se numa farândola,  
Sem um estouro,  
Devagarinho, tão devagar  
Com estrelinhas de prata e oiro,  
Que parecia,  
(Se não sonhasse!) as prenderia!

Perto de mim, dois Namorados,  
Talvez uns Noivos que Deus juntou,  
Falam baixinho, muito chegados,  
Fazem castelos  
Que o vento ainda não abalou!  
Sonham, talvez, mil sonhos belos!  
Sonham! e, nisto,  
Ouve-se um beijo! — Se a Vida é isto!...

Passam tocando, ferros, violas  
E cavaquinhos, tudo o que houver!  
Vozes de moças lembrando rolas,  
Arfando o seio...  
Hão-de casar, se Deus quiser!  
Gosto de ouvi-las, pois devaneio,  
E enquanto as ouço  
Sonho e deliro, esqueço e remoço!

Do céu agora, todo escarlate,  
Como um dilúvio, pendem grinaldas  
Num fogo ardente que nada abate,  
Numa vertigem,  
Azuis safiras, rubis, esmeraldas!  
Mas na minha alma negra fuligem  
Cresce, entretanto,  
E nos meus olhos se torna em pranto!...

JERÓNIMO D'ALMEIDA.

## CONTRASTES!...

### Guimarães em Festa

Vai há algumas dezenas de anos que as Festas Gualterianas tiveram o seu início, continuando ainda a viver na memória dos Vimaraneses os nomes de todos aqueles que lhes dedicaram a melhor parte do seu bairrismo e o melhor e maior quinhão do seu esforço, entre os quais João de Melo, José de Freitas Soares, Camilo Larangeiro dos Reis, P. Gaspar Roriz, José de Pina, João Rodrigues Loureiro, etc., etc. Este ano, que as Festas são realizadas de molde a dignificar, com saudade e gratidão, os nomes dos seus fundadores, devem os vimaranenses gravar no seu coração, com vivo e profundo reconhecimento, os nomes daqueles que conseguiram levar a efeito a execução de um programa que não deslustra o reflexo imponente do passado mais glorioso das referidas Festas. Será assim, com Homens de fé ardente e vontade firme e forte que o nome de Guimarães continuará a ser prestigiado e apontado como símbolo de um pequenino altar da Pátria, onde tantas glórias do passado ainda hoje são evocadas, quer por meio dos seus históricos monumentos, quer por intermédio da chama imortal da tradição, testemunho querido e belo de um querido e belo passado! Bem haja, pois, a desinteressada e leal dedicação de quem mais uma vez tomou a iniciativa da realização de umas Festas coridignas, através das quais podemos ver a imagem do seu auge em outros tempos a que já nos referimos. E porque a Vila e o Progresso de Guimarães muito nos avivam o sentimento do coração, daqui saudamos, com o mais sincero entusiasmo, a Comissão Executiva das Festas, saudações que tornamos extensivas a todas as pessoas que com ela tão afinadamente colaboraram. Não registamos nomes, afim de evitarmos qualquer falta involuntária, mas tomamos a liberdade de sugerir que

os mesmos sejam escritos num Quadro de Honra e que este seja colocado no Salão Nobre do Grémio do Comércio, com a seguinte legenda:  
"Comissão Executiva e seus principais colaboradores para a realização das Festas Gualterianas, no ano de 1946, ano em que a Marcha Gualteriana foi pela primeira vez electrificada e cujo programa foi o seguinte: (.....)".  
Dessa forma, não só ficaria para os vindouros uma nota expressiva do completo ressurgimento das Festas, como também outra nota não menos importante — a da electrificação da famosa Marcha Gualteriana, que no País não tem rival nem coisa parecida. No entanto, que os discordantes da nossa sugestão façam pelo menos a devida justiça à nossa boa fé e que os concordantes se manifestem no sentido indicado. De resto, hoje e sempre por Guimarães!

### Guimarães e as suas Feiras

(Conclusão)  
«que se faça feyra na dicta villa quatro vezes no anno nella guisa que he contheudo nos priuilegios de a dicta villa dos reis que ante nos foram e de nos teem».  
Durante a menoridade de D. Afonso V e a regência do Infante D. Pedro, tutor e curador do dito Senhor Rei, a feira fora não só outorgada como também fora mandado «quitar por cinco annos ha meeta de a sisa de todallas cousas que em a dita feira se comprasse e vendesse».  
Em 1452, estando El-rei na cidade de Évora, é instituída a feira franca de Agosto, que, quanto a nós, traduz a razão de ser das FEIRAS DE S. QUALTER e cuja carta mereceu o relevo dado pelo Director deste prestante jornal.  
D. Manuel, o rei Venturoso, que então já fazia acompanhar o seu nome dos espantantes epitetos de «rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dâlem Mar em África, Príncipe de Castela, de Lião, de Aragoão e de Granada, e Senhor da Guiné», em 1498, e depois em 1511, confirmou nas cortes de Lisboa a realização da feira de Agosto e transferiu-a de 10 a 17, para 15 a 25, a pedido dos procuradores da vila, só porque a desejariam fazer coincidir com as ricas solemnidades que, todos os annos, vinham sen-

Da velha Vimaranes dois bairristas  
Eu vejo a toda a hora na retina,  
Um morto e outro vivo, dois Artistas:  
— Padre Gaspar Roriz, José de Pina.

Foram os dois maior's idealistas  
Da Marcha (que a Beleza ao mundo ensina)  
Da mais soberba Luz e raras Vistas,  
Da Fantasia rica e superfina!...

A Marcha é muito nossa! Mais ninguém  
A pode vir buscar à Terra-Mãe,  
E' Alma-Lusitana!

Dois Artistas lhe deram Sangue e Vida,  
E é hoje em toda a parte conhecida:  
— Marcha Gualteriana!

DELFINO DE GUIMARÃES.

## Anúncio

Faz-se público que por escritura de 29 do corrente mês e ano, lavrada pelo notário da Secretaria Notarial de Guimarães, Dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, Pedro Nunes de Freitas fez cessão a Abílio Ferreira de Oliveira da sua quota de 1.000.000\$00, que tinha na sociedade por quotas de responsabilidade limitada «Sociedade Ultramar Exportadora, Limitada», com sede em Guimarães.

Guimarães, 30 de Julho de 1946.

(213)

O Ajudante da Secretaria Notarial,  
Martinho da Silva.

## FARPAS TRADIÇÕES DE GUIMARÃES

Vinde, alegres visitantes,  
Gozar uns lindos instantes  
Neste querido torrão!  
Bem-vindos sejais à terra  
Que tanta beleza encerra  
E que é Berço da Nação!

Podeis entrar sem receio  
Que as Festas vão ser em cheio,  
Formosas p'ra toda a gente!  
E esta nobre cidade  
Tem uma linda vaidade:  
Receber fidalgamente!

É ve-la engalanada  
Belamente ornamentada  
Pelo Lira e p'lo Barreira!  
Tudo é lindo e novo  
E até o nosso povo  
Veste roupa domingueira!

Músicas por toda a parte!  
Jar elas mostrando a arte  
É engenho dos mecradores!  
Um cortejo florido,  
Grandioso, promovido  
P'los nossos agricultores!

Barracas, Quiquilharia,  
Carros-éis — uma alegria  
Num som atordoador!  
E... sobre a «Marcha» adorada  
Já a semana passada  
Eu disse que era um amor!

Feiras Francas para gado  
Bem nutrido e bem tratado  
E fogos sulcando os ares!  
E como nas romarias  
Os Manéis e as Marias  
Em descantes populares!

Podeis sorrir e folgar  
Espalhar dores e cantar  
Neste momento tão belo,  
Que as «Farpas» estão reservadas  
P'ras duas grandes Touradas  
Da Praça «João de Melo»...

Darmoa.

Apesar da falta de certos artigos a CASA LARANGEIRO prima pelo seu incomparável sortido.

Visite pois a Casa Larangeiro.

do levadas a efeito em honra de Nossa Senhora da Oliveira.

Por provisão de D. João III dada em Almeirim, no ano de 1526, a carta de D. Manuel é confirmada.

No reinado de D. Pedro II, o Pactico, a petição feita sobre o mercado semanal, pelos vereadores e procurador do Concelho e Vila de Guimarães, é mandado publicar o alvará de 28 de Janeiro de 1688 e satisfeito o requerimento dos petiçãoários, que alvitavam, não a realização da feira todas as semanas, mas, sim, uma de quinze em quinze dias, «porque em muitas partes deste reinos por estas razões há estes mercados todas as semanas».

Finalmente, o Rei Magnânimo por provisão de 1 de Março de 1732, registada na Chancelaria-mor da Corte, há por bem autorizar que a feira que se realizava todos os quinze dias, seja transformada numa feira semanal, «feita no mesmo lugar e na mesma forma» — feiras estas que ainda, hoje, se mantêm com a natural regularidade. Agosto de 1946.

L. Coelho.

(Conclusão)

1734 concedia às sessenta e tantas freiras que tivessem mais sete, além das onze criadas que já tinham — mas o Ordinário, de Braga, (estava a Sé vaga) só permite mais quatro e «reserva-se a obrigação da qualidade das moças na sua aceitação para criadas». Era ruidosamente festejada a eleição das Preladas, com bailes, comédias e o clássico outerio com moites e gulosas. O bom do nosso Desembargador limitou-se — é delicioso o toucinho do céu! — a apurar que algumas religiosas mais novas usavam espartilhos e os apertavam por forma a contornar-lhes os seios; traziam na frente os hábitos curtos para se lhes ver o pé e o sapato; usavam óleos e polvilhos na cara... E pouco mais. Pura galantaria de que ficou um rasto subtil de perfume, mais espiritual do que mundano. Quando, em 76 anos, no de 1891 a 8 de Setembro, faleceu a última professa, Madre Antónia Viega (Antónia Amélia da Assunção) a Guimarães devota que, no mês de Maria, enchia a capela, teve sentida e verdadeira comção — e, os mais velhos, recordavam, lacrimosos, as magníficas tortas, o doce seco e de calda, o inegalável toucinho do céu, e os doces, os licores, a música do Convento.

Mas, o Arcebispo D. Gaspar, fundando-se nas queixas dos muitos doces que elas faziam e das suas Festas do Natal, com danças e entremezes profanos, por decreto de 1760, ordena que, no Convento de Santa Clara, não façam mais doces de qualquer qualidade desde 15 de Outubro até 6 de Janeiro inclusivé. Em 1768, prebe as Freiras, sob pena de excomunhão, de fazerem doce de forno para vender, ou mesmo para particulares embo a estes lhes mandem os aviamentos, excepto para os pais delas, e em casos de moléstia, e uma ou outra vez no ano; só em 1771 elas reclamam, alegando escrupulos, pelas obrigações que deviam a seus parentes e mais pessoas e petem, também por causa das frutas serodias, sejam dispensadas até aos Santos do preceito que lhes havia sido posto desde o dia de Santa Tereza até aos Reis — licença que lhes é concedida até ao dia de Todos os Santos, exclusivé. E' em Dezembro desse ano de 71 que o Arcebispo, havendo em atenção ser, ao presente, (donde se vê o prejuizo causado) a sua razão delas muito ténue lhes concede fazerem chouriços, do que, por levarem algum açúcar, estavam interditas desde 16 de Outubro aos Reis, mas que não deviam fazer-se depois, mas antes do Natal, para se alimentarem no decurso do ano. Que suave enleio, na apertada clausura da vida livre actual, não seria ir às grades do Convento de Santa Clara, ouvir música, ver as Freiras e comer-lhes os doces...

Eduardo d'Almeida

A personalidade conhece-se pela sua apresentação. Compre uma Camisa Girá, que é o complemento para uma boa toilette. Exclusivo da

CASA LARANGEIRO.



Dr. Fernando Manuel Castro Gonçalves  
Presidente da Câmara Municipal



António José Pereira de Lima  
Presidente de Honra das Festas



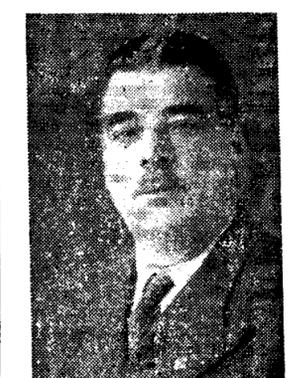
Antonino Dias Pinto de Castro  
Da Comissão Executiva das Festas



João Dias Pinto de Castro  
Da Comissão Executiva das Festas



Agostinho Dias Pinto de Castro  
Da Comissão Auxiliar das Festas



Sebastião Mendes  
Da Comissão Auxiliar das Festas



Alberto Laranjeiro dos Reis  
Elettricador da Marcha



José Ramos Martins Fernandes  
Da Comissão da Marcha Gualteriana



Amadeu Guimarães  
Da Comissão da Marcha Gualteriana



Benjamin Ferreira  
Da Comissão da Marcha Gualteriana



Eduardo Eugénio  
Elettricador da Marcha

## S. GUALTER Homenagem

(Conclusão)

de devotos, deixando junto do mesmo as oferendas da sua veneração e do seu reconhecimento pelas graças dispensadas.

Tamamha torrente de oblatas e ex-votos, fez que a cobiça se desentranhasse do seio da rica comunidade — a Colegiada de Santa Maria de Guimarães.

Pois se estes insignes varões eram os «aristocratas» da Igreja, por que não haviam de ser eles os donos e senhores da refulgência veneranda de S. Gualter?

Por que não haviam de ser recolhidas nas suas arcas as frutuozas rendas do santinho popular, se nisso fosse concorde D. Fr. Telo, arcebispo de Braga?

Ruminando estes pensamentos egoístas os reverendos cônegos — que jamais deixaram de trabalhar para o aumento das suas «conezias!» — um dia chegaram à concordância: de que melhor seria, a ocultas, tomarem as relíquias, trazendo-as para o culto polifônico e aurifugente da Colegiada.

E a tentativa é assim contada por um cronista da Ordem Franciscana: «... Ficou o seu corpo no oratório de Vila Verde, e, como estava desamparado de guardas, tratou o Cabido daquela Colegiada de o levar com todo o segredo para a sua igreja; e pondo por obra este seu intento, não foi possível que, com todas as forças bem aplicadas, pudessem mover a sepultura do Santo. Não foi o segredo da tenção do fruto tão guardado naquele Cabido que não chegasse a notícia aos Religiosos seus companheiros, para porem em melhor cautela a guarda daquela seu milagroso tesouro; com que a toda a preza o recolheram, levantando com muita facilidade o que os outros com muitas forças não puderam fazer, e consigo o levaram para o seu último convento...»

Outro cronista seráfico, narra por estas palavras o cometimento do Cabido, ao qual designa — «um furto nobre das preciosas relíquias»: «... Encomendando o negócio a alguns capitulares, por mais que eles se cansaram, nunca puderam abrir o milagroso sepulcro, que Deus fechou com a chave da sua omnipotência. Pelo que trataram de o levar inteiro como estava, mas nem o braço de muitos homens para isso conduzidos, nem a força de muitas juntas de bois, puxando todas por cordas, foi bastante para lhe dar um abalo. E assim se recolheram desenganados os cônegos. No dia seguinte, que se divulgou o caso, acudiram os frades mais solícitos, do que dantes cuidadosos; e como o Santo não queria deixar a sua pobreza pelas riquezas da real Colegiada, ... o levantaram e trouxeram a seus ombros...»

Entre a comunidade dos cônegos e a dos frades franciscanos, haviam desinteligências, levantadas pelos primeiros, por ocasião da terceira e última instalação do convento, no lugar onde hoje vemos a igreja dos «irmãos 3.ºs».

Esta circunstância pode ter contribuído para que a iluminada fantasia dos cronistas franciscanos tenha descrito os factos com certa parcialidade. Contudo, pelo que mais tarde havia de observar-se relativamente com a múmia do S. Torcato, não deixa de encontrar-se matéria suficiente para concluir: — «que os dignatários da Colegiada sempre fizeram jus a estar na posse de uma refulgência veneranda, pelo interesse que semelhante posse lhes trazia às rendas capitulares».

Foi a pecúnia e não o zelo devoto, que os levou à tentativa do «furto nobre das preciosas relíquias».

Baixando com o tempo — oh, terrível borracha de safar! — a aura milagreira de S. Gualter, as venerandas relíquias do seu corpo passaram, sem reparo, para a igreja dos Santos Passos, no Campo da Feira, onde se encontram.

Filipe III, no ano de 1622, fez ressurgir a preciosa soleníssima que era de velha tradição celebrar na Vila de Guimarães, à honra de S. Gualter — um dos Patronos do devocionário local — juncando-se, por ordem da Câmara, as ruas e rossios do burgo com ervas cheirosas.

Mas a última precissão, já passou. Porto.

A. L. de Carvalho.

E' amanhã que a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia presta a sua homenagem aos Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e Albano de Sousa Guise, colocando os seus retratos na Galeria dos Benfeitores daquela prestimosa Instituição de Caridade, testemunho de gratidão pelo muito que os mesmos têm feito em prol da Assistência por ela prestada. De facto, a Santa Casa da Misericórdia é aquela onde se encontram reunidas várias modalidades assistenciais, sendo a mais importante a referente à assistência hospitalar, em virtude de se tornar extensiva a todo o concelho. Portanto, quem contribuir para a sua prosperidade pratica, sem dúvida, uma das mais humanitárias Obras de Misericórdia, razão por que a Mesa entendeu — e muito bem — homenagear os dois referidos Benfeitores, acto a que assistirão algumas Autoridades, Irmãos, etc.

## da cidade Boletim Elegante

Alberto Teixeira Carneiro

Passa, hoje, mais um aniversário natalício deste nosso prezado Amigo e conhecido industrial vimezanense, que, mercê da sua persistência e bons desejos de bem servir Guimarães, muito tem contribuído para o progresso de algumas das mais prestantes instituições de beneficência vimezanenses. As nossas felicitações.

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 4, o nosso bom amigo sr. Domingos Alves Ferreira; no dia 5, os nossos bons amigos srs. Fernando Flores de Matos Chaves e Francisco Dias Pinto de Castro; no dia 6, o sr. Francisco Soares e a sr.ª D. Maria da Conceição Silva; no dia 7, a gentil menina Isabel Ramos Camisão, filha do nosso prezado amigo e estimado Tesoureiro da Fazenda Pública, sr. José Ramos Camisão; no mesmo dia o nosso bom amigo e estimado industrial, sr. Sebastião Mendes; no dia 8, os nossos queridos amigos srs. Major Alberto Cardoso de Macedo e Meneses (Margrude) e Joaquim Severo de Sousa Guise; no dia 10, os nossos queridos amigos srs. Dr. Alfredo Peixoto, distinto clínico, Coronel Henrique Alberto de Sousa Guerra, distinto oficial do Exército e José Pinto Pereira de Oliveira, conceituado comerciante; no dia 11, os sr.ªs D. Albina Iracema de Quadros Flores e D. Irene Gabriela de Sousa Guerra, esposa do Tenente sr. Sousa Guerra, filho do Coronel sr. Henrique A. de Sousa Guerra.

Notícias de Guimarães apresentam-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No próximo dia 9 faz 6 anos a menina Maria Margarida Teixeira de Carvalho, netinha do nosso prezado amigo sr. José Teixeira, conceituado comerciante em Urgezes.

Partidas e chegadas

Têm estado na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos bons amigos srs. Capitão Francisco Martins Fernandes, Angelino Alves Bastos, Luis Correia de Sousa Areias, João Pinto de Figueiredo, Alvaro Alves Pinto, Torcato Mendes Simões.

Acompanhado de sua esposa e filhos partiu para Lisboa, afin-de embarcar para Lourenço Marques, onde vai fixar residência, o nosso prezado amigo sr. António Luís, a quem agradecemos os cumprimentos de despedida que se dignou apresentar-nos e dese-

jar-nos uma feliz viagem e as maiores prosperidades.

— Afim-de assistirem às Festas Gualterianas encontram-se entre nós os nossos bons amigos e conterrâneos srs. António Dias Ferreira e Herculano Dias de Castro Queiroz.

— Com sua esposa regressou das Pedras Salgadas o nosso bom amigo sr. José Rodrigues Guimarães, do Pevidém.

— Regressou do Vidago o nosso bom amigo sr. José Pinheiro Guimarães.

— Com sua esposa partiu para Espinho o nosso bom amigo sr. José Faria Martins.

— Encontram-se entre nós os nossos bons amigos srs. António Luís de Araújo Dantas e Manuel José da Costa Guimarães, industrial gráfico em Aceiro.

Doentes

Tem passado bastante doente o nosso amiguinho António da Silva Freitas, estremeado filho do nosso prezado camarada e amigo sr. J. Gualberto de Freitas. Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

— Afim-de tratar da sua saúde, recolheu a um quarto particular do Hospital da Misericórdia de Guimarães, o nosso prezado amigo sr. Alberto Carlos Abreu, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

— Também tem passado muito doente a mãe do nosso prezado amigo e estimado solícitor, sr. Augusto Joaquim da Silva. Desejamos as suas melhoras.

— Tem passado doente a menina Maria do Carmo, interessante filhinha do nosso Director. Desejamos o seu rápido restabelecimento.

Casamentos

Na gruta de Nossa Senhora do Carmo da Penha, consorciaram-se no quinta-feira a sr.ª D. Augusta da Silva, filha do nosso prezado amigo sr. Marinho da Silva e de sua esposa, sr.ª D. Ana Torcato, com o sr. Francisco Fernandes Melo, filho do nosso prezado amigo sr. José Fernandes de Melo e de sua esposa, sr.ª D. Maria Fernandes de Melo. Na Pensão da Montanha realizou-se depois um almoço a que assistiram diversos convidados. Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Diversas Notícias

Melhoramento no Pevidém

Por lapso, dissemos no nosso último número ser proprietária da «Padaria Castelo» que se encontram no lugar do Pevidém, a Sr.ª D. Ana Alves Castelo, quando é certo tratar-se da Sr.ª D. Rosa Alves Castelo. Fica assim rectificado o involuntário lapso.

Escola Industrial

De 1 a 20 do corrente encontra-se aberta a matrícula para os cursos diurnos e nocturnos professos nesta Escola e que são os seguintes: Comércio, Tecelão: debuxador e Bordadora.

Na secretaria da mesma Escola prestam-se todos os esclarecimentos das 9 às 12 e das 20 às 22 horas.

De visita

Visitou-nos a equipe técnica de «Cine Filmes», representada pelos Senhores: Ramon Ueila, director de produção e de técnica cinematográfica; Silvestre Silva, realizador e planificador; Paulo Lopes, operador; M.ª Ubeda, anotadora; Noé Silva, assistente de realização; e César Moreno, galã de produção n.º 1 de «Cine Filmes», que se encontra em Guimarães a filmar as nossas grandiosas Festas.

Desaparecido

No dia 29 do mês passado desapareceu o pastor Manuel de Carvalho Leite, de 9 anos de idade, filho de António Leite, que guardava gado no lugar do Barreiro, da freguesia de S. Jorge de Selho, deste concelho. Os seus sinais são: altura regular, própria da idade, cabelo ligeiramente ruço e cortado, veste calça cor de castanho com riscas brancas e casaco da mesma cor, muito justo e curto, camisa bastante rota e anda descalço.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Anjinho

Contando apenas 5 meses de idade, voou ao céu o inocentinho Alexandre Manuel Gonçalves Fernandes, filho do nosso bom amigo Sr. Albino Fernandes, estimado proprietário da Foto-Cine, e de sua esposa, a Sr.ª D. Emília Natália Gonçalves Fernandes.

O funeral da inditosa criança realizou-se com muito acompanhamento, na sexta-feira, para o cemitério de Atougua.

Os nossos sentimentos a seus pais.

Como subtil película, o Pó de Arroz «MARLICE» favorece os naturais encantos da mulher.

Na Casa Larangeiro encontra V. Ex.ª o Pó de Arroz «MARLICE».

Pintor Henrique de Medina

Na próxima segunda-feira, acompanhado do ilustre Presidente da Câmara Municipal do Porto, Professor Dr. Luís de Pina, visita esta cidade, o conhecido pintor português, sr. Henrique de Medina, de renome internacional, que, actualmente, expõe na Cidade Invicta.

Nem só gira o dinheiro! A Camisa, Girá também gira, girou e continuará a girar. Exclusivo da

CASA LARANGEIRO.

LIVROS



PERFUMARIAS

A pintura na Mulher dá-lhe uma certa beleza. Compre V. Ex.ª um baton marlice na CASA LARANGEIRO. O baton fixo e persistente.

ANÚNCIO

Para partilhas, vende-se um corrente de casas composto de 17 moradas situadas no Campo da Feira, hoje denominado Largo da República do Brasil, com os números de polícia 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41 e na recatadura das mesmas um campo.

Estes prédios vendem-se no junto ou em lotes. Recbe propostas o Sr. Augusto José Borges, ao Largo 28 de Maio, desta cidade.

Se calçar bem é uma nota de distinção, não deixe V. Ex.ª de ser distinto. Visite a Sapataria Vimezanense, onde encontrará a elegância aliada ao bom gosto, em calçado de todos os géneros. Rua da Rainha, 82

— Guimarães.

Cachorro Pointer

Vende-se um de 3 mezes, raça pura. Rua de Francisco Agra, 117 — Guimarães.



Joaquim Laranjeiro dos Reis  
Da Comissão das Toiradas

## Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão da Mesa de 2 de Agosto de 1946

Sob a presidência do respectivo Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia que, depois de lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior, tomou conhecimento dos seguintes ofícios:

— Do Ex.º Sr. Director Clínico do Hospital, Dr. Alberto Ribeiro de Faria, a comunicar que se encontra melhor da sua doença, facto com o qual a Mesa muito se congratulou; — Do Sr. Dr. João Fernandes de Freitas, a informar a Mesa de que, como médico adjunto da Secção cirúrgica, havia assumido a direcção das enfermarias de clínica cirúrgica e da maternidade do Hospital desta Misericórdia, no impedimento, por doença, do Sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria;

— Do Sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, a oferecer os seus serviços gratuitos à assistência hospitalar desta Misericórdia, oferecimento que a Mesa aceitou, depois de ouvida a Direcção Clínica, com a observância dos Regulamentos em vigor;

— Do oficial da Secretaria, Amadeu Soares, a solicitar 15 dias de licença, para serem gosados interpoladamente, pedido que foi deferido, mediante a informação do Sr. Secretário;

— Da Sr.ª Amélia Leite, a comunicar que deixava de ser inquilina da casa n.º 19 do Bairro «João de Melo». — Em seguida, foi resolvido enviar um telegrama ao Ex.º Senhor Ministro da Economia sobre a falta de azeite e géneros para a manutenção dos Hospitais e Asilos a cargo desta Santa Casa.

Finalmente, foi tomado conhecimento do balancete do Cofre, de estarem cumpridos todos os legados, do donativo de 200\$00 da Sr.ª D. Ana Ribeiro Martins, que a Mesa registou com muito reconhecimento, e ainda de outros assuntos inerentes à administração desta Instituição.

Mercearia e Confeitaria

Passa-se Mercearia, Papelaria e Confeitaria, em Vizela, uma das mais antigas da Vila. Informa-se nesta redacção.

Aos Srs. Industriais

PLÁCIDO & MONTEIRO. Oferecem-se para vossos representantes na praça de Lisboa. Dão-se referências. Tratar c/ o n.º sócio José Feliciano Plácido Pereira, ao Largo 13 de Fevereiro, 30, até ao dia 3 de Agosto.

Para o seu afilhado, compre V. Ex.ª um enxoval na

CASA LARANGEIRO.

A Perfumaria Francesa «Marlice» apresenta os perfumes SÓLIDOS, que tanto sucesso têm obtido. Encontra-se V. Ex.ª na

CASA LARANGEIRO.



Bráulio Carneiro  
Da Comissão das Toiradas

## UMA FESTA ENCANTADORA

no HOTEL DA PENHA

EM HOMENAGEM AO Sr. ALBANO DE SOUSA GUISE

O muito digno Juiz da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, Comendador Sr. Alberto Pimenta Machado, ofereceu na quinta-feira, no Hotel da Penha, um almoço de homenagem ao seu e nosso querido amigo Sr. Albano de Sousa Guise por motivo do seu breve regresso ao Rio de Janeiro, tendo assistido àquela festa cerca de 50 convivas: — pessoas de família de ambos aqueles nossos amigos, componentes da Mesa da Irmandade, da Comissão de Melhoramentos e da Junta de Turismo da Penha e outras pessoas das mais intimas relações do homenageado.

Decorreu o almoço num ambiente da maior cordialidade, tendo-se produzido, ao champagne, calorosos brindes. Foi prestada homenagem ao Sr. Albano de Sousa Guise, a seu venerando Pai, o respeitável vimezanense Sr. Francisco Raimundo de Sousa Guise, a sua esposa e filhos e a toda a demais família Sousa Guise, tendo sido feitas vibrantes afirmações pelo progresso da Penha.

Algumas das pessoas presentes ofereceram, no decorrer daquela encantadora festa, avultadas quantias para as obras da Penha e para as Oficinas de S. José, cuja Banda ali se exibiu durante o repasto.

As ofertas atingiram uma soma superior a 50 contos, independentemente do oferecimento de uma banqueta para o novo Santuário, feito pelo nosso amigo Sr. Sebastião Mendes, conceituado industrial e membro da Comissão de Melhoramentos da Penha.

O nosso respeitável conterrâneo e amigo Sr. Albano de Sousa Guise declarou oferecer para o novo Santuário o carrilhão que, para esse fim, vai ser encomendado.

O seu gesto, generoso e bairrista, deu ensejo a que todos os presentes aplaudissem tão interessante e oportuna iniciativa.

Tanto o Prof. Sr. José de Pina como o Sr. Comendador Cupertino de Miranda, que veio do Porto, expressamente, para assistir àquela festa, subiram, após o almoço, à torre da Gruta-Ermida, cujos sinos souberam repicar festivamente.

Foi uma festa deveras encantadora e que perdurará, por certo, largamente, no espirito de todos aqueles que a ela assistiram.

Para solenizar a reunião realizada na Penha, no memorável dia 1.º deste mês, o nosso prezado amigo Sr. António José Pereira de Lima, Presidente da Comissão de Melhoramentos, mandou iniciar, a expensas suas, a obra do novo depósito de águas.

O Sr. Comendador Pimenta Machado endereçou à Ex.ª Sr.ª D. Adeline de Sousa Guise um telegrama, dando conhecimento das saudades que lhe foram feitas e a seus filhos no almoço oferecido a seu estremeado marido.

# A FESTA DOS MOTORISTAS a S. Cristóvão

A briosa classe dos motoristas, que entre nós goza de gerais simpatias, mais uma vez levou a efeito a festa anual ao seu Patrono, S. Cristóvão, e fe-lo de maneira a merecer elogios, pois os vários números do programa revestiram indistinctivel brilhantismo.

Portanto, de parabéns estão todos os motoristas e muito principalmente aqueles que constituiram as respectivas Comissões das festas, os Srs. Manuel Teixeira, Alberto Arantes, Jaime de Jesus e Adriano de Oliveira Bastos, pela Comissão Executiva; e Júlio Fernandes Novais, José Duarte, António Garcia de Sousa Ventura e Zeferino Duarte, pela Comissão organizadora do jantar de confraternização.

No sábado, houve manifestações festivas, tendo estado iluminada a Montanha da Penha, sendo ali também queimado vistoso fog de artifício.

Na *Penha da Montanha* teve lugar o jantar de confraternização, que reuniu cerca de uma centena de convivas e ao qual presidiu o Rev. Gaspar Nunes, capelão dos motoristas, que estava ladeado por pessoas de representação, amigos dos motoristas.

O repasto foi abundante e de modo a confirmar os bons créditos do hoteleiro Sr. Joaquim da Silva.

Foram proferidos brindes pelos Srs. P. Gaspar Nunes, Manuel Teixeira, António Faria Martins, Alberto Teixeira Carneiro, Eugénio Vinagre, motorista de Ovar e Tenente Manuel Peres, Comandante da Polícia de Segurança Pública.

O Sr. P. Gaspar Nunes, usando pela segunda vez da palavra, fez um apelo aos presentes para que a Penha, que já possui a imagem de S. Cristóvão, Padroeiro dos Motoristas, e de Nossa Senhora do Ar, Padroeira dos Aviadores, possuísse também Nossa Senhora do Mar. Ao apelo correspondeu o Sr. Francisco Lage Jordão, que vai oferecer a respectiva imagem, gesto que foi pelos presentes saudado com uma grande ovacão. O jantar decorreu na melhor ordem e no meio de franca alegria.

No domingo, pelas 11 horas, saíram da basílica de S. Pedro, ao Toural, as imagens de Nossa Senhora do Ar, oferta do Sr. Alberto Teixeira Carneiro, e de S. Cristóvão, que, acompanhadas de um grande cortejo automobilístico, foram conduzidas à Penha, onde, presididos por Monsenhor Peixoto, Vigário Geral da Arquidiocese, como representante de S. Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz, e com a assistência dos Srs. Cônego Alberto Vasconcelos e P.ª João da Cruz Magro, Arcepreste de Guimarães, se realizaram luzidas solenidades religiosas. Durante a tarde, na formosa Montanha, uma banda de música, de Vizela, executou várias composições para distração das muitas pessoas que ali foram associar-se à festa dos nossos motoristas.

As Comissões das Festas para o ano de 1946 ficaram assim constituídas:

**Executiva:** — Presidente, Luís Carlos Marques; Tesoureiro, Manuel Vaz; Vogais: Custódio de Sousa e Francisco da Silva.

**De Honra:** — António Faria Martins, Francisco Lage Jordão, António de Sousa Lima e Alberto Teixeira Carneiro.

## Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 3.540\$00

Um anónimo, ao retirar-se de Guimarães . . . . . 100\$00

A transportar . . . . . 3.640\$00

Contemplámos famílias envergoadas.

## S. R.

### A Comissão Venatória Conc. de Guimarães

Esclarece o seguinte:

Que, não se tendo designado locais para neles ser permitida a caça às rolas, desde o dia primeiro de Agosto próximo futuro, de harmonia com o § 3 do Artigo N.º 10 do Decreto N.º 23.461, esta só é permitida no 1.º de Setembro, aonde é livre a caça às codornizes — nos juncaes e milhais, em adiantado estado de maturação.

A isto se dá publicidade, não por desta depender a actualização e punição dos que venham a ser infractores, mas somente no intuito de evitar que a ignorância seja alegada como causa da infracção.

Guimarães, 29 de Julho de 1942.

**A Comissão.**

# No MEU CANTINHO

Estou mesmo cansadinho! Mas cansadinho a valer!

\*\*\*

Ontem à tardinha devorei o **Poiedro** do nosso Elísio. Nosso, muito nosso, três vezes nosso

Editou belamente a *Portugália* Mas fiquei muito enganado. Supusera eu que o Poeta ofereceria faces em número indefinido. Reduziu-as a cinco. Seja assim.

O Elísio mudou pouco. E' o mesmo da *Ternura* e da *Fogueira*.

O homem é sempre o homem. Já o prego há muitos anos.

\*\*\*

A *Gazeta do Sul* é que me cansa. Ela traz tanto que ler!

Montijo pode orgulhar-se. Tem um semanário sem rival.

Pena foi que não saientasse melhor o cartaz e o prospecto e o programa das nossas *Gualterianas*.

Tenha o Oualberto paciência. C. César Rodrigues oferece em quatro colunas a versão inglesa e alemã e esperantista e latina e francesa e espanhola e italiana do soneto que vai ler e que é de Artur António Alves: —

**MEU AMOR**

Olhos cerrados, mãos em cruz no peito; Branca, mui branca e fria, já perdida!... Lábios sem cor, inerte, já sem vida, Sereno, o corpo teu dorme no leito!

Trago-te rosas, meu amor perfeito; Rosas bem lindas, de saudade, qu'rida, Colhidas a chorar co'a dor e a frida, De quem no Mundo vê o amor desfeito...

Prostrada assim, nessa eternal quegueira, Já me não vês chorar à tua beira, Nem ouves o que a cicizar eu digo.

Vai com os anjos, meu amor, adeus! E na etérea vida dize a Deus Que eu bem depressa quero ir ter contigo!

\*\*\*

Em vez de aquele o que do undécimo verso preferira eu quanto, O Gualberto está de acordo?

\*\*\*

Muito curiosa a nota de José de Faria Machado no *Notícias* tripeiro de 26.

Intitula-se *Uma quintilha inédita*. A qual quintilha diria assim: —

Uniu justiça e amor Pedro Primeiro. Foi pio e liberal Pedro Segundo. Maria, do Terceiro ao lado impera. O Quarto não tem par nos Reis do Mundo. O Quinto era dos Césus, de nós não era.

**6.**

## Padroeira da Cidade

A Mesa da Irmandade de N. S.ª da Oliveira está a empregar os seus melhores esforços no sentido de imprimir o maior brilhantismo à Festa da Padroeira da Cidade, que se realiza no dia 15 de Agosto, com o programa que foi já anunciado.

Tanto a Procissão da noite do dia 14, como a majestosa Procissão do dia 15, prometem ser imponentísimas.

## Batalha de Aljubarrota

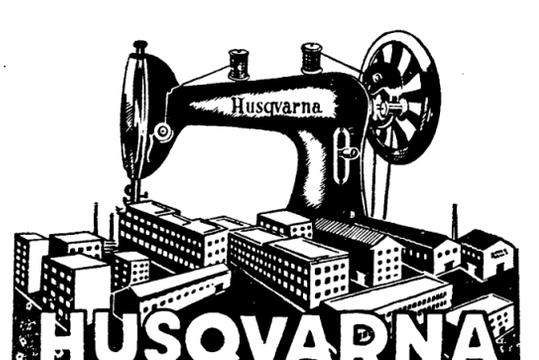
No próximo dia 14, será solenemente comemorada, na forma dos demais anos e a expensas da Câmara Municipal, a Batalha de Aljubarrota, havendo Missa Campal com alocução por um distinto orador sacro no Padrão de N. S.ª das Vitórias.

A Câmara Municipal convidou S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz a assistir à Solene e patriótica celebração.

## DESPEDIDA

Alfere reformado António Luis e sua família, tendo recebido, inespereadamente, ordem para se apresentar em Lisboa a fim de embarcar para Lourenço Marques, lamenta não lhes ter sido possível, como era seu desejo, despedirem-se, pessoalmente, das pessoas das suas relações e amizade, dever que só lhes foi possível cumprir por este meio, do que pedem muita desculpa, desejando a todos as maiores felicidades. — Reconhecidos, agradecem todas as atenções que lhes dispensaram, oferecendo, a todos, os seus limitados préstimos em Lourenço Marques.

Guimarães, 31-VII-1946.



**HUSQVARNA**

HÁ MAIS DE 150 ANOS esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tecnicamente perfeita, a máquina de costura «HUSQVARNA» é inteiramente construída com os afamados aços suecos.

COSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

«HUSQVARNA» tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

**Agentes no Concelho:**  
Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.ª

## AGRADECIMENTO

A Família de Afonso da Costa Guimarães julga ter agradecido a todas as pessoas que por qualquer forma acompanharam na sua enorme dor, mas como é possível que por insuficiência de endereços haja algumas faltas, vem fazê-lo também por este meio, a todos manifestando o seu profundo reconhecimento.

Guimarães, 15 de Julho de 1946.

**A FAMILIA.**

## AS FESTAS DA CIDADE

Foi em 1906. Já lá vão portanto quarenta anos que alguns homens de boa vontade e decididos a iniciarem, tendo como seu Chefe ou Presidente — João de Melo o vimaranense pelo coração, o homem dinâmico, o baírrista, que conseguiu impor-se pelo trabalho, pela inteligência, pelo seu valor. Honra portanto à sua memória.

Não devemos esquecer mais alguns que a morte já levou. Freitas Soares, João Gualdino, Barbosa de Oliveira e outros mais.

Dos vivos, os nossos bons amigos Srs. João Rodrigues Loureiro, Camilo Laranjeiro dos Reis, Francisco Martins e tantos outros, a quem rendo a minha modesta homenagem.

O *Padre Gaspar Roriz* — o idealizador da *Marcha Milanesa* estava sempre pronto a trabalhar pela sua terra — o escritor, o poeta, o dramaturgo, o orador, — no seu trato tão lhuano e tão simpático, trazia o seu hino — O Hino da Cidade — a cantar dentro do peito, no seu nobre coração, na sua alma de verdadeiro e puro baírrista, exemplo vivo do muito querer à sua amada, querida e vèlhuha *Guimarães*.

Todos vós que sabeis sentir também o amor à terra, ajoelhai em oração sentida pela alma de tão grande e inesquecível vimaranense.

*José de Pina:* A bondade em pessoa, o mestre, o artista sempre na primeira fila em todas as manifestações de arte e de baírrismo. Foram estes dois vimaranenses os fundadores da nossa tão célebre *Marcha Milanesa* em 1907. O nosso José de Pina continua a empregar à fantástica *Marcha Gualteriana* todo o seu valor artístico, a sua fé de bom vimaranense, a sua paciência, todo o seu entusiasmo, a remirar-se na sua obra com orgulho, mas sem vaidade.

Não devo esquecer — o que tem sido uma grande falta — um mais novo que a morte também já levou, o *Dr. João de Oliveira Bastos*.

Pronto a colaborar em tudo que se relacionasse com o bom nome da sua querida terra.

Bom orador, distinto advogado, amigo dedicado do Orfeão, ele foi um Presidente da Comissão das nossas *Festas da Cidade*, tendo colaborado conosco em mais que um ano.

Era um espírito jovem, alegre, bem relacionado, que nos estimava e animava ao pedatório, sempre massador e aborrecido.

Aurèlio Martins (Ferra)

# Rosas e Espinhos! AS NOSSAS GRANDES FESTAS

Querida amiga:

Quando, há dias, me anunciaram a visita de uma senhora, que me procurava, não calcula a satisfação que senti ao receber essa notícia, em virtude de ter sonhado, na véspera, que tu me quisesse fazer a surpresa de apareceres em minha casa. Supus, portanto, como era de esperar, que se confirmasse a agradável sensação do sonho que tinha tido, mas, infelizmente, depressa verifiquei que nada disso acontecia. Era, de facto, uma amiga que me vinha visitar, mas não aquela que eu mais desejava receber em minha casa, aquela a quem continha pertencer o número um, segundo a ordem numérica da minha escala da amizade.

Não eras tu, querida amiga Maria Elvira, e, se muitíssimos desejos tinha de te receber de braços abertos, em minha casa, com mais desejos ainda fiquei, sobretudo depois de ter sentido, através do sonho de que te falei, o grande prazer de te ver, abraçar e beijar! Porém, como «o que não se realiza em dia de Santa Luzia, se realizará em outro dia», não perco as esperanças de chegar a ver transformada em realidade a surpresa que falhou, visto estar convencida de que tu, um dia, te resolverás a fazer-me essa vontade. E agora, para não avivar mais a minha mágoa e as minhas saudades, vou deixar de falar de ti para falar da tal amiga que me visitou. Devo dizer-te, boa amiga, que fiquei surpreendida com a forma como ela se apresentou, quanto a pinturas exactamente aquilo que ela mais detestava no tempo em que fomos companheiras, durante alguns anos, no Liceu. Calcula que a pintura principiava nas unhas dos pés, continuava nas unhas das mãos e era tão acentuada nos lábios e no rosto, que dava a ideia de uma mascarada, mas isto sem exagero, porque as drogas aplicadas eram de várias cores. Confesso-te que me julguei na presença da fachada de uma casa pintada da cor da salamandra, em que os pés representavam o rés do chão, as mãos o andar principal e o rosto as águas furtadas. E' claro que não me senti com coragem para lhe fazer a mais ligeira observação a tal respeito, mas, no meu íntimo, censurei tão caricato cenário e tanta falta de consideração pela generosidade da Natureza. E tu, que pensas como eu e que, por isso, como eu também condenas esses excessos, nunca te arrependerás de condenar o abuso dessas pinturas e de continuares a ser o que sempre tens sido — sensata e modesta. São duas qualidades que ficam bem a qualquer pessoa e de um modo especial a uma mulher, que não se deixa converter em escrava da vaidade e das tintas dos painéis!

De resto, cada uma responde pelos seus actos, sendo certo que essas extravagantes exhibições se reflectem de um cu de outro modo no nosso sexo. E por hoje, saudosa amiga, não vou além dos presentes comentários, a não ser para te dizer que cada vez me sinto mais satisfeita e contente por Deus nos ter tornado tão iguais e tão afeiçoadas uma à outra.

Com muitas saudades, beija-te e abraça-te a

Tua eterna amiga

30/7/1946.

**Maria Margarida.**

Quando, há dias, me anunciaram a visita de uma senhora, que me procurava, não calcula a satisfação que senti ao receber essa notícia, em virtude de ter sonhado, na véspera, que tu me quisesse fazer a surpresa de apareceres em minha casa. Supus, portanto, como era de esperar, que se confirmasse a agradável sensação do sonho que tinha tido, mas, infelizmente, depressa verifiquei que nada disso acontecia. Era, de facto, uma amiga que me vinha visitar, mas não aquela que eu mais desejava receber em minha casa, aquela a quem continha pertencer o número um, segundo a ordem numérica da minha escala da amizade.

Não eras tu, querida amiga Maria Elvira, e, se muitíssimos desejos tinha de te receber de braços abertos, em minha casa, com mais desejos ainda fiquei, sobretudo depois de ter sentido, através do sonho de que te falei, o grande prazer de te ver, abraçar e beijar! Porém, como «o que não se realiza em dia de Santa Luzia, se realizará em outro dia», não perco as esperanças de chegar a ver transformada em realidade a surpresa que falhou, visto estar convencida de que tu, um dia, te resolverás a fazer-me essa vontade. E agora, para não avivar mais a minha mágoa e as minhas saudades, vou deixar de falar de ti para falar da tal amiga que me visitou. Devo dizer-te, boa amiga, que fiquei surpreendida com a forma como ela se apresentou, quanto a pinturas exactamente aquilo que ela mais detestava no tempo em que fomos companheiras, durante alguns anos, no Liceu. Calcula que a pintura principiava nas unhas dos pés, continuava nas unhas das mãos e era tão acentuada nos lábios e no rosto, que dava a ideia de uma mascarada, mas isto sem exagero, porque as drogas aplicadas eram de várias cores. Confesso-te que me julguei na presença da fachada de uma casa pintada da cor da salamandra, em que os pés representavam o rés do chão, as mãos o andar principal e o rosto as águas furtadas. E' claro que não me senti com coragem para lhe fazer a mais ligeira observação a tal respeito, mas, no meu íntimo, censurei tão caricato cenário e tanta falta de consideração pela generosidade da Natureza. E tu, que pensas como eu e que, por isso, como eu também condenas esses excessos, nunca te arrependerás de condenar o abuso dessas pinturas e de continuares a ser o que sempre tens sido — sensata e modesta. São duas qualidades que ficam bem a qualquer pessoa e de um modo especial a uma mulher, que não se deixa converter em escrava da vaidade e das tintas dos painéis!

De resto, cada uma responde pelos seus actos, sendo certo que essas extravagantes exhibições se reflectem de um cu de outro modo no nosso sexo. E por hoje, saudosa amiga, não vou além dos presentes comentários, a não ser para te dizer que cada vez me sinto mais satisfeita e contente por Deus nos ter tornado tão iguais e tão afeiçoadas uma à outra.

Com muitas saudades, beija-te e abraça-te a

Tua eterna amiga

30/7/1946.

**Maria Margarida.**

Colónia de Férias

«Artur Jorge Guimarães»

Efectuou-se, no dia 1 do corrente, a abertura da Colónia de Férias e Repouso «Artur Jorge Guimarães», situada em esplêndido edifício, em S. Martinho de Sande, e que se destina aos filhos dos Combatentes da Grande Guerra.

Compareceram ao acto inaugural diversas individualidades, que muito apreciaram a boa organização da Colónia de Férias da benemérita Liga dos Combatentes da Grande Guerra, à qual teremos ocasião de nos referir oportunamente.

Vitória Sport Clube

Convoco para o dia 7 de Agosto, pelas 21 horas, na Sede do Sindicato Nacional da Indústria Têxtil, a Assembleia Geral extraordinária do Vitória Sport Clube, a fim de se proceder à eleição da nova Direcção, em virtude da actual se ter demitido.

Uma hora depois da designada, a Assembleia efectuar-se-á com qualquer número de sócios.

Guimarães, 23 de Julho de 1946.

**José Pinto Rodrigues**  
Presidente da Assembleia Geral.

COBRADOR — Precisa-se

Falar com JOSÉ MEIRA, cobrador do Vitória Sport Clube.

Nas montras da **Casa Laranjeiro**, encontrarás V. Ex.ª o fino gosto da camisa «Gira».

Estão a decorrer as nossas grandiosas Festas. A cidade regorgita de forasteiros e apresenta nos com as suas lindas decorações um aspecto alegre.

Espera-se que venham assistir às Festas, anuindo desse modo ao convite que lhes foi feito pela Comissão Executiva os Ex.ªs Srs. António Ferro e Dr. António Pinheiro Torres, do S. N. I.

Todos os números das Festas serão filmados, para o que já estão nesta cidade os respectivos operadores.

O Concurso das Fachadas promete ser brilhante. A classificação respectiva é feita amanhã por um júri constituído pelos Professores Srs. José Luís de Pina, João Jorge Maltieira e Dr. José Maria de Moura Machado.

Aos pobres é dado um Bodo, o que representa uma iniciativa interessante e digna por isso do maior louvor.

Prometem ser concorridíssimas e brilhantes as Touradas, de hoje e amanhã.

Vem a propósito dizer-se que hoje, na *Praça João de Melo* e em substituição do novilheiro Augusto Gomes, toma parte na Corrida o espada mexicano Paco Gorraez.

No Cortejo Regional de hoje tomam parte numerosos carros, numa expressiva síntese da vida rural.

A *Marcha Gualteriana*, com que amanhã à noite terminam as Festas, será um número de verdadeiro deslumbramento.

São de efeito surpreendente as ornamentações.

Todo o programa de ontem se cumpriu integralmente.

A cidade apresentou-nos, no primeiro dia das suas Festas, um movimento extraordinário.

Foram concorridíssimas as Feiras Francas e decorreu com grande brilho o primeiro festival realizado no Campo da Feira.

A *Casa Laranjeiro* é uma Casa pequena, mas com um grande sortido. VEJA AS SUAS MONTRAS

Peregrinação à Penha

O muito digno Arcepreste de Guimarães já endereçou, aos Rev.ªs Párocos do Arceprelado, a seguinte circular:

«Avizinha-se o solene dia 8 de Setembro, de há muito consagrado à Peregrinação anual a Nossa Senhora da Penha. E este ano, em que, por feliz coincidência, o segundo domingo do mês é na mesma data da festividade litúrgica da Natividade da Santíssima Virgem, propomo-nos celebrar a abertura do 3.º Centenário do seu Augusto Padroado com a mais santa e imponente das nossas Peregrinações.

E' preciso que ninguém falte. Sabemos já que várias freguesias de fora do concelho, que não costumam comparecer, virão desta feita tomar parte na grandiosa manifestação. Mal ficaria que se notasse a falta de alguma da nossa terra.

Digna-se presidir Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz. E conosco levaremos a formosa coroa de ouro, piedosa iniciativa das Filhas de Maria da cidade, que o Venerando Prelado, ao chegar a Peregrinação à esplanada, colocará na frente da Imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Teremos combóios extraordinários, de modo a podermos sair do Campo da Feira, às 9 horas pontuais.

Por tudo, lícito nos é esperar que vai revestir um brilhantismo incomparável a nossa Peregrinação de 8 de Setembro.

Não falte, pois, V. Rev.ª com o seu excelente povo, como tanto pedimos e desejamos. E até ao grande dia, se Deus quiser».

A *Sapataria Vimaranense* tem para V. Ex.ªs, minhas Senhoras, os mais belos e elegantes modelos e o mais fino e variado sortido. Aconselhada está, portanto, uma visita à «Vimaranense», na Rua da Rainha, 82 — Guimarães.